

# Ações restauradoras de Tutankhamon: a retomada de Tebas como principal centro religioso do Egito após a reforma amarniana

---

Vanessa Fronza (UFPR)

**Resumo:** Durante seu governo, o faraó Akhenaton (1352 – 1336 a.C.) promoveu a reforma amarniana, fundando uma nova capital, que deslocou o centro de poder de Tebas para Akhetaton. Quando Tutankhamon (1336 -1327 a.C.) torna-se faraó ocorre a Restauração da religião egípcia tradicional, descrita na fonte conhecida como Estela da Restauração. Seu reinado é marcado por ações restauradoras, especialmente em Tebas, a fim de retomar sua importância como principal espaço religioso do Egito.

**Palavras-chave:** Tutankhamon, Estela da Restauração, Tebas.

## The Tutankhamun's restoration: the resumption of Thebes as Egypt's main religious centre after the Amarna Period

---

**Abstract:** During his government, Pharaoh Akhenaten (1352 – 1336 B.C.) promoted the Amarna reform, settling a new capital that moved the political center from Thebes to Akhetaten. When Tutankhamun (1336 – 1327 B.C.) becomes Pharaoh, it is carried out the restoration of the traditional Egyptian religion, described in a source known as Restoration Stela. His reign is marked by restoring deeds, especially in Thebes, in order to regain its importance as main religious place in Egypt.

**Keywords:** Tutankhamun, Restoration Stela, Thebes.

\*\*\*

Durante a XVIII<sup>a</sup> dinastia, pertencente ao Reino Novo - período da história egípcia que vai de 1550 a.C. a 1069 a.C - ascende ao trono o faraó Akhenaton (1352 – 1336 a.C.), ainda como Amenhotep IV. Seu governo é marcado por uma reforma religiosa que atingiu vários setores do Egito, não só o religioso, mas também a esfera política, a organização espacial, as

concepções artísticas, entre outros. Isso pode ser notado devido à perspectiva universalizante que os egípcios tinham da vida, na qual religião, política e outros aspectos não se separavam. Por isso, no Egito, ser faraó era ser um deus.

Quando Amenhotep IV chegou ao poder, defrontou-se com duas tendências arraigadas no Reino Novo: a crescente exaltação do deus Amon-Rá da cidade de Tebas e o desenvolvimento da divinização do faraó reinante enquanto ainda vivo (CARDOSO, 2001: 119).

Devido à difusão do culto de Amon-Rá, Tebas tornou-se o principal centro religioso do Egito e seu grupo sacerdotal era detentor de riquezas e influência perante aos governos que se sucediam. É neste cenário que Amenhotep IV surge como faraó. Contudo, Amon-Rá nem sempre esteve entre os deuses mais importantes do panteão egípcio:

O principal santuário de Amon ficava em Tebas, no Alto Egito, e por isso ele não ocupa posição de destaque durante o primeiro grande período da História egípcia. Quando, entretanto, o trono passou para uma família originária de Tebas, os faraós do Médio Império, o deus local alcançou grande prestígio. (SHORTER, s/d: 22-23)

Portanto, o deus Amon-Rá só é alçado a uma categoria de maior prestígio quando o poder é exercido por dinastias tebanas, incluindo a XVIII<sup>a</sup> dinastia, cujos faraós se lançaram às empresas de conquista em larga escala no estrangeiro, e viram em Amon, deus de Tebas, o responsável por suas vitórias (SHORTER, s/d: 85). O culto solar sempre teve prioridade no Egito, por isso, para tornar Amon um deus de alcance nacional, ele foi associado ao deus sol Rá. A partir de então, os sacerdotes de Amon eram encarregados das riquezas do templo e muitas vezes ocupavam cargos civis importantes como o de vizir (SHORTER, s/d: 86 – 87). Isso permitiu que Tebas ocupasse um lugar de destaque como espaço de adoração aos deuses, e que os sacerdotes de Amon fortalecessem seu poder na sociedade egípcia:

A veneração de Amon conheceu então também o seu período áureo: Tebas é a capital do Egito; o seu deus é adorado como “deus de Estado”. Artífice da expansão; a sua glória difunde-se do Eufrates à Núbia e é materializada em tributos impostos aos países submetidos. Uma parte substancial desses tributos era entregue por direito ao templo de Amon, o mesmo é dizer, a Amon, por entrepostos representantes, os seus sacerdotes. O clero de Amon adquire assim um enorme poderio econômico e político, exercendo um domínio absoluto sobre o rei e a corte (SALES, 1997: 156-157).

Por isso, apesar de Mênfis ser a capital administrativa, Tebas tornou-se a capital religiosa do Egito, e o templo de Karnak – dedicado ao deus Amon – era um dos principais centros de culto de todo o território.

Quando Akhenaton foi instituído como soberano, ainda chamado de Amenhotep IV, o deus Aton – uma representação do disco solar - já era conhecido, coexistindo com Amon e os outros deuses do extenso panteão egípcio. Porém, sua importância crescia continuamente, e ainda em sua primeira fase de governo, o faraó já erigia monumentos em honra ao Aton, até mesmo em Karnak, onde foi muito ativo, construindo um santuário para este deus na parte oriental do recinto, localizada em direção ao sol nascente. A edificação mais importante dessa fase do governo de Amenhotep IV é o santuário de Gempaaton (AMENTA, 2006: 93).

Apesar da crescente adoração ao deus Aton, o faraó adotou uma medida sem precedentes no governo egípcio: proibiu o culto aos outros deuses, especialmente ao deus Amon de Tebas, em prol do culto ao disco solar. Essa alteração de diversos preceitos religiosos – que repercutiu também em outros âmbitos da vida no Egito - ficou conhecida como Reforma amarniana, devido ao nome da moderna cidade de Amarna, onde estão situados os sítios arqueológicos do local que o faraó escolheu como nova capital e centro de adoração ao seu deus.

A abolição dos cultos tradicionais aos deuses egípcios se expressa até mesmo na troca de nomes do faraó: coroado como Amenhotep IV, mesmo nome de seu pai, que significa “Amon está satisfeito”, o rei passa a se chamar Akhenaton: “aquele que é útil a Aton”.

As motivações de Akhenaton para promover uma reforma tão profunda na religião são desconhecidas, podem ter causas ligadas a uma crença genuína deste soberano, ou relacionadas ao poder faraônico, visto que era função do rei ser um intermediário entre deuses e homens comuns, e o deus Amon de Tebas estava se tornando uma divindade cada vez mais próxima das pessoas e se manifestando frente ao povo nas procissões, e através dos oráculos, podendo ser invocado sem a intervenção do faraó, representando uma ameaça à realeza e ao seu monopólio das atividades religiosas.

Na religião amarniana, Akhenaton passa a se apresentar como única ligação entre as pessoas e a divindade, uma idéia que já permeava o conceito de faraó egípcio, mas que estava sendo deturpada pela proximidade da população com deuses como Amon, que poderia ser invocado sem a necessidade da mediação do rei. Para Akhenaton, apenas ele mesmo poderia conhecer o seu deus, portanto a acessibilidade a Aton era impossível sem o intermédio do faraó, de maneira que só se podia chegar ao deus através da adoração do próprio rei e de sua família, pois essa divindade se manifestava de duas formas: no céu como o disco solar, e também na terra, como o próprio faraó, que se colocava ao mesmo tempo como filho de Aton e também sua imagem viva.

Ao interpretar a abolição do culto dos demais deuses e a adoração apenas ao Aton, alguns egiptólogos classificaram o período amarniano como o primeiro episódio de monoteísmo

no mundo antigo. Segundo Ciro Flamarion Cardoso, a reforma de Amarna não promoveu o monoteísmo, pois o faraó não renunciou à sua própria divinização, que pelo contrário, foi exaltada (CARDOSO, 2001: 125).

Além de banir a religião tradicional egípcia, Akhenaton também ordenou o fechamento dos templos, e que o nome de Amon e dos demais deuses fossem apagados dos monumentos. No entanto, a escassez de fontes sobre este acontecimento não permite que se tenha uma idéia do quão abrangente foi a reforma aparelhada por Akhenaton:

[...] seu fervor iconoclasta ele o realizou invariavelmente em Tebas, para contrariar Amon, onde mandou apagar não só o nome dele, mas também o de Ptah, de Rá, de Osíris e até os hieróglifos que mencionavam a palavra “deus”. Mas, afora estas destruições, que se verificavam apenas em Tebas no resto do país tudo continuou como antes: os templos de Menfis e de Heliópolis, para citar só os mais poderosos, celebravam pacificamente os seus cultos, o que permitia supor que apoiavam o faraó, intencionalmente, contra o “forasteiro” Amon. E entre os escombros das casas de Akhetaton foram encontradas as estatuetas de todos os deuses, sem excluir Amon. (ARBORIO MELLA, s/d: 196-197)

Como uma das mudanças promovidas pela reforma amarniana, Akhenaton transferiu a capital do Egito para um território até então desabitado, fundando uma nova cidade: Akhetaton (a atual Amarna), cujo significado é “Horizonte de Aton”, para onde mudou-se com sua corte. A nova capital teria sido escolhida pelo faraó através de inspiração divina (ALDRED, 1982: 89), e levou este nome devido à impressão fornecida por sua paisagem natural: quando o sol nasce entre os penhascos do relevo, forma-se naturalmente a figura do hieróglifo “*akhet*” (horizonte) (SILVERMAN, WEGNER e WEGNER, 2006: 21). Situada na margem leste do Nilo, Akhetaton ficava entre Tebas e Mênfis, as duas principais cidades egípcias. A fundação de uma nova capital representa também a transferência de Tebas como centro de poder, que agora passaria a Akhetaton, cujos limites eram demarcados por diversas estelas, denominadas Estelas de Fronteira, que dedicavam a cidade ao deus Aton.

Quando Amon ascendeu como divindade nacional, a vida urbana era caracterizada pelas inúmeras procissões divinas, onde a estátua do deus dentro de sua barca sagrada poderia ser vista pelas pessoas, e sua aparição representava o renascimento dos espectadores, assim como de todo o cosmo. Essas manifestações religiosas continuaram em Amarna, porém com algumas inovações, como por exemplo, quem aparecia na procissão era o próprio Akhenaton, como hipóstase de Aton. A procissão funcionava como ato de adoração ao faraó, filho único de Aton, pois apenas através dele se poderia chegar ao deus. Portanto, a única garantia de vida futura era a obediência ao soberano, uma vez que não havia mais o deus Osíris, o próprio rei era identificado

como Senhor do outro Mundo, e se pedia diretamente a ele uma sepultura digna e a continuação da vida fora da terra (AMENTA, 2006: 97-98).

Além destas alterações do âmbito religioso egípcio, Akhenaton modificou ainda outras estruturas do poder faraônico, de alto valor simbólico: instituiu uma procissão real ao invés da de caráter divino- visto que o rei era filho e representação na terra do deus Aton -, aparições do faraó e seus familiares na “Janela das Aparições” em Amarna, revisão da parte do soberano de tropas e funcionários, adoração pública de Akhenaton da parte de seus cortesãos, confecção de imagens do rei na intimidade familiar (AMENTA, 2006: 97), que inauguraram um estilo artístico diversificado.

Apesar de todas essas tentativas de tornar o poder divino do faraó mais palpável, a adesão à religião amarniana por parte da população comum do Egito ainda apresenta um caráter duvidoso. A religião de Aton fez apenas alguns adeptos, especialmente entre a corte amarniana, pois, de acordo com Howard Carter - arqueólogo que descobriu a tumba de Tutankhamon - a população geral manteve sua crença nos antigos deuses:

O populacho, intolerante à mudança, com muita gente aflita pela perda dos velhos deuses familiares e pronta para atribuir qualquer perda, privação ou infortúnio à ciumenta intervenção das deidades insultadas, mudava lentamente da perplexidade para o ressentimento ativo com o novo paraíso e a nova terra decretados para ele.(CARTER e MACE, 2004: 44)

Sendo assim, não é possível afirmar que a reforma amarniana tenha atingido todos os ramos da sociedade egípcia, pois mesmo em Akhetaton foram encontrados artefatos datados do período amarniano que são dedicados a outros deuses, sugerindo a continuidade do culto tradicional. Possivelmente, a crença de Akhenaton só encontrou aceitação junto a sua corte mais íntima. Isso explica o fato de que a religião amarniana acabou junto com seu criador, sendo que após a morte desse faraó, a restauração da religião anterior à reforma de Amarna parece ter ocorrido sem maiores conflitos, quando o faraó Tutankhamon assume o trono ainda menino, em meio a uma conturbada sucessão real.

Mesmo nas habitações de Akhetaton foram descobertos estelas e amuletos dedicados às divindades tradicionais, especialmente às mais populares, como Bes e Taueret, indicando que a religião de Aton não teve grande expressão entre as camadas mais baixas, e nem mesmo na corte, como aponta Cardoso:

A corte sem dúvida seguiu as indicações do rei e agiu de acordo com as mesmas, como se vê no que resta das capelas e tumbas privadas. Mas a facilidade e a prontidão com que se efetuou depois a volta aos padrões

ordinários da instituição monárquica e a seus mitos mostra que a aceitação das inovações de Akhenaton pelos grupos dominantes havia sido bem superficial.(CARDOSO, 2001: 124)

É possível que todas as novidades introduzidas pelo culto de Aton foram vistas com estranhamento pelos egípcios, que não estavam acostumados a pensar o mundo sem os mitos. Segundo Ciro Flamarion Cardoso, um aspecto que tornou a religião de Akhenaton efêmera é a ausência de diversos elementos aos quais os egípcios estavam habituados. Por exemplo, a ausência do pensamento mítico, da magia, de meios religiosos para lidar com a dor e o sofrimento, da preocupação ética – visto que o mundo de Aton era baseado em um otimismo exacerbado – e, por fim, na ausência da religião funerária tradicional e da possibilidade de diálogo direto entre o deus e os homens (CARDOSO, 2001: 120-121).

Dada a impossibilidade de manutenção de uma religião baseada na figura de Akhenaton após a sua morte, Tutankhamon (1336 – 1327 a.C.) ascende como faraó, com cerca de nove anos, por isso, é provável que as primeiras realizações de seu governo tenham sido idealizadas por seus regentes.

Largamente conhecido por causa do tesouro arqueológico inestimável encontrado em sua câmara funerária em 1922 por Howard Carter, o breve período que Tutankhamon foi soberano do Egito, aproximadamente dez anos, visto que esse faraó morreu ainda muito jovem, muitas vezes é negligenciado do ponto de vista historiográfico. Entretanto, seu governo representa um momento de transição para a restauração da religião tradicional, que foi alterada pelos preceitos da reforma amarniana de Akhenaton. É sob o comando de Tutankhamon que o culto a Amon e aos demais deuses egípcios é restaurado.

Este faraó, nascido Tutankhaton, possivelmente passou seus primeiros anos vivendo em Amarna, criado na adoração de Aton: “Nomeado Tutankhaton – “Perfeita é a vida de Aton” – ele passou o início de sua infância na corte real em Amarna e sem dúvidas não conhecia nenhuma outra religião senão o Atenismo.” (Tradução livre da autora. SILVERMAN, WEGNER e WEGNER, 2006: 7). Ao que Carter também está de acordo: “Que ele começou como adorador de Aton e retornou à antiga religião é evidente pelo nome, que mudou de Tutankhaton para Tutankhamon [...]” (CARTER e MACE, 2004: 47).

Dessa forma, como primeira medida que visava à restauração da religião tradicional, especialmente do poder do deus Amon, o faraó troca de nome, passando a se chamar *Tut-Ankh-Amon*, isto é, “Imagem viva de Amon”, respaldado pela legitimação divina que os faraós possuíam.

A principal preocupação do governo de Tutankhamon foi a reabertura dos templos e a retomada dos cultos abolidos pelo seu antecessor, principalmente o do deus Amon de Tebas, por isso, uma das principais medidas para restaurar a antiga estrutura político-religiosa do Egito foi abandonar a cidade de Akhetaton.

Ainda que a população de Amarna não tenha aderido completamente ao culto do deus Aton, o abandono da cidade simbolizava o retorno à antiga ordem, o deslocamento do espaço de poder, que voltou a ser exercido por Tebas, como capital religiosa do Egito.

Mesmo que a religião amarniana não tivesse se enraizado fortemente no Egito, durante o governo de Tutankhamon houve a preocupação de erigir um documento que oficializasse a retomada da ordem político-religiosa anterior aos acontecimentos de Amarna, restaurando o culto a Amon e aos demais deuses e deusas, indicando que seus templos estavam abandonados e que o Egito havia sido esquecido pela proteção divina durante esse período caótico. Essa fonte histórica ficou conhecida como Estela da Restauração:

Seu primeiro decreto importante foi uma proclamação, que foi conhecida como Estela da Restauração, encontrada próxima ao 3º Pilone em Karnak, junto com duplicatas fragmentadas também de Karnak, todas usurpadas por Horemheb. (T.A.) (ALDRED, 1988: 294)

Essa estela foi confeccionada em um bloco de granito vermelho de medidas 2,54m x 1,29m e espessura de 38 cm. O artefato foi encontrado por Georges Legrain em 1905, no canto nordeste da Sala Hipostila do templo de Amon em Karnak, próximo ao pilone III, construído por Amenhotep III. Atualmente a estela se encontra no Museu do Cairo.

Devido ao estado da estela, Legrain apontou a hipótese de que na época copta ou mesmo árabe, foi feita uma tentativa de dividi-la em duas partes, provavelmente para fins de construção, fazendo grandes buracos em sua face ao longo do eixo. Posteriormente, um cilindro de uma das colunas da Sala Hipostila caiu e rompeu a estela em cinco partes. Apesar da ação do homem e do tempo, o texto da estela pôde ser traduzido, faltando apenas algumas lacunas em determinadas linhas. De acordo com Bennett, a estela apresenta um estilo artístico que remonta ao de Amarna, mas retoma motivos comuns da XVIIIª dinastia (BENNETT, 1939: 14) – à qual pertencem desde os antecessores de Akhenaton até Horemheb. A primeira publicação da Estela da Restauração foi feita por Legrain em 1907 (BENNETT, 1939: 8).

Depois da morte de Tutankhamon, e como ele não havia deixado herdeiros, exerceram o poder outros faraós sem vínculo sanguíneo com a família real, como Ay e Horemheb. Este último apropriou-se de vários documentos e monumentos feitos por seus dois antecessores, apagando seus nomes e talhando o dele por cima. Apesar de boa parte da bibliografia sobre esse

período afirmar que a Estela da Restauração foi “usurpada” por Horemheb (1323 - 1295 a.C), visto que este tomou o monumento para si, riscando o nome de Tutankhamon e substituindo pelo seu, anos depois da produção do documento, isso não caracteriza uma usurpação, na qual o poder é tomado diretamente do antecessor.

A substituição do nome de um faraó por outro que o sucedeu era uma prática muito recorrente no Egito, e aparentemente era aceita, pois fazia parte do conceito de poder faraônico. Como esse processo também ocorria entre faraós distantes temporalmente um do outro, o termo mais adequado seria uma reapropriação dos monumentos, e segundo Silverman: “Não foi uma inovação para um novo rei se apropriar de algum dos monumentos do predecessor; era quase um privilégio do ofício da realeza.” (T.A.) (SILVERMAN, WEGNER e WEGNER, 2006: 183). Isso se explica através do aspecto imutável do faraó, no qual a instituição real é perpétua, independente de quem seja a pessoa que esteja ocupando o cargo no momento.

O texto da Estela da Restauração aponta a situação de abandono na qual se encontrava o Egito quando da ascensão de Tutankhamon ao poder. Segundo a fonte: “quando Sua Majestade surgiu como rei, 6 | os templos de deuses e deusas, de Elefantina [às] lagoas do Delta, [...] tinham [caído] em ruínas.” (Tradução da autora). A estela retrata um período caótico, no qual o Egito havia sido relegado, sendo esquecido pelos deuses: “Se alguém orasse para um deus para pedir uma coisa dele, ele não viria. Similarmente, se alguém orasse para qualquer deusa, ela não viria.” (T.A.)

Já em seus epítetos, Tutankhamon é representado na Estela da Restauração como aquele “que pacifica as duas terras, que apazigua os deuses” (T.A.), isto é, um personagem que retoma a ordem depois de um período de caos.

Em nenhum momento é citado na fonte o nome de Akhenaton ou do deus Aton – uma vez que, para os antigos egípcios escrever um nome significava perpetuar uma memória, que, nesse caso, desejava-se apagar da história egípcia. Porém, subentende-se que o período caótico narrado pelo texto da Estela da Restauração seria o do governo de Akhenaton, descrito pela fonte como uma época de abandono por parte dos deuses: “ 7 | Seus santuários tinham caído em deterioração 8 | A terra estava em aflição, os deuses estavam se afastando desta terra.” (T.A.)

A Estela da Restauração aponta também várias medidas que tiveram que ser adotadas pelo faraó para retomar a ordem no Egito, como por exemplo, a reconstrução de templos, a confecção de novas imagens dos deuses, a recuperação dos antigos cultos e festivais, a multiplicação de tributos, iniciação de sacerdotes, entre outras práticas que definem um modelo de bom governante egípcio, e que restauram a Maat (o conceito de ordem, harmonia, verdade, justiça do antigo Egito) dessa sociedade:



As medidas que Tutankhamun adotou, de acordo com sua grande proclamação, foram as soluções típicas da Época do Bronze de propiciar aos deuses e assegurar seu apoio. Isso incluía a confecção de novas estátuas e santuários das deidades em ouro e metais preciosos, o reparo de santuários e a restauração dos tesouros e rendimentos. Novos sacerdócios foram estabelecidos para reviver os serviços interrompidos; e para esses foram nomeados os filhos e filhas dos notáveis que tinham o respeito da população local. (T.A.)(ALDRED, 1988: 294-295)

A atenção voltada para a construção e ampliação de monumentos a fim de reaver a proteção divina é demonstrada na estela através da referência a Tutankhamon como “rico em monumentos abundante em maravilhas, [...] que constrói monumentos por sua própria iniciativa para seu pai Amon” (T.A.), e um dos epítetos encontrados em sua tumba reafirma sua atividade construtora, como expõe Cyril Aldred:

Certamente um grande aspecto da reconstrução e restauração de templos antigos foi iniciado durante o reino de Tutankhamon, e o epíteto que é dado a ele em um dos selos em sua tumba, 'aquele que passou sua vida fazendo imagens dos deuses' pode servir como seu epitáfio. (T.A.) (ALDRED, 1988: 295)

Embora seu governo não tenha durado mais de dez anos, várias obras foram levadas a cabo. Tutankhamon preocupou-se também em continuar os trabalhos iniciados por Amenhotep III, como a colunata no templo de Luxor (DODSON, 2009: 70). Com o retorno aos cultos tradicionais, esta colunata iniciada por Amenhotep III foi concluída e adornada com pinturas do Festival Opet.

Entre outras construções, estão incluídos monumentos em Tebas, no próprio templo de Amon: “[...] Tutankhamon foi responsável por estabelecer a avenida de esfinges que ligava a porta de acesso do sul do complexo de Amon – na adesão de Tutankhamon ao incompleto Pílon X de Amenhotep III – às proximidades do templo de Mut.”(T.A.) (DODSON, 2009: 68)

Todas essas medidas tinham como finalidade a legitimação da restauração dos cultos tradicionais no Egito, os quais Akhenaton não conseguiu aplacar. Elas representavam também o restabelecimento da Maat, cuja manutenção era uma das funções do faraó, único capaz de garantir a ordem primordial estabelecida no início dos tempos (AMENTA, 2006: 45).

Depois do caos ocasionado pela reforma amarniana, era preciso que um novo governante assumisse o trono e restabelecesse a harmonia, necessidade que se alia perfeitamente à metáfora egípcia para cada nova coroação, que, segundo Hornung representa um novo ciclo da

criação do mundo, em que o faraó recém-coroadado surge como o Sol, dissipando a desordem e fazendo com que a vida se renove (HORNUNG, 1994: 256).

A Estela da Restauração indica que Tutankhamon inicia seu período no poder colocando-se como um restaurador da ordem, remontando à metáfora da nova coroação. Dessa forma, o faraó tratou de desempenhar seu principal papel social no Egito: manter a Maat; e para isso ele promoveu uma reconciliação com os deuses do panteão egípcio através de sua política restauradora de templos e monumentos, como aparece na linha 5: “5| Ele restaurou o que estava em ruínas, como monumentos de época eterna. Ele dissipou a injustiça pelas Duas Terras e a Maat foi estabelecida [em seu lugar]”(T.A.)

Um dos meios de recuperar a ordem referente aos espaços, foi o já citado abandono de Akhetaton. Porém, a Estela da Restauração não deixa claro quando isso aconteceu, visto que existem inconsistências entre os autores quanto ao ano de sua publicação (BENNETT, 1939; DODSON, 2009; DORANLO, 2011). As traduções consultadas variam entre ano 1, ano 4 e as que omitem o ano. As questões acerca do ano apresentado pela fonte geram discussões entre os estudiosos:

Alguns estudiosos sugeriram que a introdução danificada no texto de Tutankhamon teria originariamente listado o ano de sua composição como o primeiro de seu reino. Dado o uso da última forma de seu nome na estela e sua localização em Tebas, em um templo devotado ao deus Amon, ele claramente foi erigido posteriormente, talvez para marcar seu retorno à tradicional capital religiosa. Ele pode ter tido a intenção de indicar esse período como o real começo de seu reinado, e por essa razão registrado a data como Ano I de seu reino.(T.A.)(SILVERMAN, WEGNER e WEGNER, 2006: 173)

Como o documento foi escrito já com o nome de Tutankhamon, e não faz referência ao antigo nome que ele recebeu durante a vida em Amarna e com o qual foi coroadado – Tutankhaton – pode ser que a Estela da Restauração não tenha sido efetivamente produzida no primeiro ano de seu governo, porém, como um documento que decreta o retorno aos antigos cultos, legitimando o apoio divino à ascensão de Tutankhamon, a estela funciona também como um plano de governo, por isso, mesmo que não se possa precisar com exatidão o ano em que foi confeccionada, era importante que ela fosse datada do primeiro ano de reinado, restabelecendo assim, desde o início, a ordem egípcia anterior aos acontecimentos do período de Amarna.

A retomada dos espaços de poder anteriores à fundação de Akhetaton também ocorreu durante o reinado de Tutankhamon, sendo que Mênfis e Tebas tiveram sua importância recuperada, a primeira como sede administrativa do governo e a segunda como principal centro religioso do Egito: “As pessoas continuaram a viver em Akhetaton por algum tempo, mas a corte

se mudou de volta para Mênfis, o assentamento tradicional do governo. Os velhos cultos foram restaurados e Tebas novamente se tornou o centro religioso do território.” (T.A.) (SHAW, 2000: 290-291)

O retorno a Mênfis pode ser observado a partir de trechos da Estela da Restauração: “Agora, Sua Majestade estava em seu palácio, que é na casa de Aakheperkare, como Rá no céu, e Sua Majestade estava executando os planos desta terra e governando as Duas Margens.”(T.A.). Aakheperkare é o prenome de Tutmés I, cujo palácio situava-se em Mênfis:

A decisão deve ter sido tomada mais cedo em mudar a corte para Akhetaton. O complexo do grande palácio fundado por Tutmés I em Mênfis estava ainda florescendo, e o rei é relatado em sua estela da Restauração como se estivesse residindo lá quando emitiu seus éditos. (T.A.) (ALDRED, 1988: 295)

Sendo assim, é possível que a Estela da Restauração tenha sido proclamada de Mênfis. Dessa forma, o processo de restauração da religião habitual egípcia estava se encaminhando sem aparente resistência. O deus Amon voltou a ser um dos mais importantes do panteão, e seus sacerdotes recuperaram a influência sobre os assuntos do cotidiano egípcio, dada a retomada de Tebas como capital religiosa, que é atestada pelo fato de que a Estela da Restauração foi encontrada nesta cidade, dentro do templo de Amon em Karnak.

Os epítetos reais também testemunham os deslocamentos dos centros de poder. Uma parte da nomenclatura de Tutankhamon é “príncipe de Heliópolis do Sul”, designando a retomada da importância da cidade de Tebas (a Heliópolis do Sul)(DORANLO,2011: 2) como centro religioso egípcio.

Quando Akhenaton mudou seu nome, ele abandonou também as referências à Tebas, que nos seus nomes de Duas Senhoras e Hórus de Ouro passaram a se referir a Akhetaton. (GRALHA, 2002: 140). Ainda como Amenhotep IV, seu nome de Duas Senhoras era “Grande de realeza em Karnak” e o de Hórus de Ouro era “Que eleva as coroas em Heliópolis do Sul”. Posteriormente, ao alterar seu nome de nascimento para Akhenaton, ele modificou as demais titulações reais, sendo que as duas citadas acima tornaram-se respectivamente “Grande de realeza em Akhetaton” e “Que eleva o nome de Aton”, como parte de sua política de centralização do culto e do poder político em Amarna (AMENTA, 2006: 87).

A recuperação de Tebas como espaço religioso do Egito é importante até mesmo como aparato de legitimação do governo e da própria restauração promovida durante o período em que Tutankhamon exerceu o poder.

Contudo, embora o ato de retomar a religião tradicional egípcia fosse justificado pela própria ascendência divina de Tutankhamon, que remonta a Amon e aos demais deuses, o que permitiria que ele “restaurasse o que estava em ruínas”, essa ação repercute também em uma reafirmação do soberano como mantenedor da ordem, o que funciona como um elemento legitimador de seu governo, que se utilizou de várias medidas para restaurar os cultos anteriores ao período amarniano, como relata a Estela da Restauração. O espaço destinado à religião tradicional também é restaurado, e a cidade de Tebas retoma seu posto de capital religiosa do Egito.

### Referências Bibliográficas

#### Documentação:

BENNETT, John.(1939), The restoration inscription of Tut'ankhamun. *The Journal of Egyptian Archaeology*, 25:8-15, 1939.

DORANLO, H. (2011), La stèle de la Restauration de Toutânkhamon. *Rennes Egyptologie*.

MURNANE, William J.(1995), *Texts from the Amarna Period in Egypt*. Edited by Edmund S. Meltzer.

NEDERHOF, M. (2006), *Restoration Stela of Tutankhamun*. Disponível em <http://www.cs.standrews.ac.uk/~mjn/egyptian/texts/corpus/pdf/RestorationTutankhamun.pdf>

#### Bibliografia:

ALDRED, Cyril. (1982), El-Amarna. In: *Excavating in Egypt – The Egypt Exploration Society 1882-1982*. Edited by T.G.H. James. University of Chicago Press.

ALDRED, Cyril. (1988), *Akhenaten – King of Egypt*. Thames & Hudson Ltd.

AMENTA, Alessia.(2006), *Il Faraone – Uomo, Sacerdote, Dio*. Roma, Salerno Editrice.

ARBORIO MELLA, Federico A. (s/d), *O Egito dos Faraós*. Editora Hemus.

CARDOSO, Ciro Flamarion.(2001), De Amarna aos Ramsés. In: *Phônix/ UFRJ. Laboratório de História Antiga. Ano VII – 2001*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001. P 115 -141.

CARTER, Howard e MACE, A.C.(2004), *A Descoberta da Tumba de Tutankhamon*. Tradução Lucia Brito. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.

DODSON, Aidan.(2009), *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press.

GRALHA, Júlio César Mendonça.(2002), *Deuses, faraós e o poder: legitimidade e imagem do deus dinástico e do monarca no antigo Egito*. Rio de Janeiro. Barroso Produções Editoriais.



HORNUNG, Erik. O rei.(1994),.In: DONADONI, Sergio (org.) *O Homem Egípcio*. Lisboa, Editorial Presença.

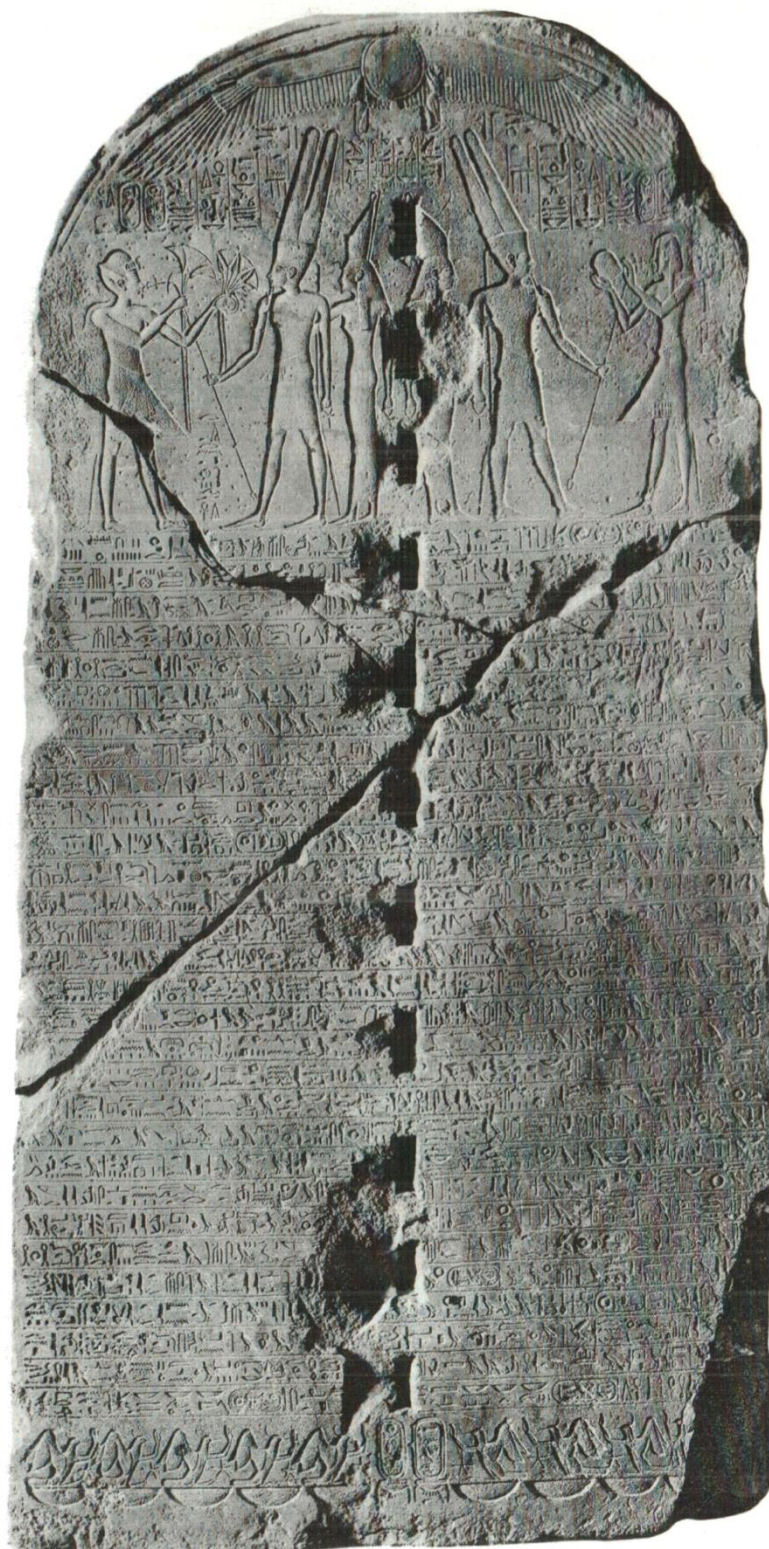
SALES, José das Candeias. (1997), *A Ideologia Real Acadêmica e Egípcia*. Lisboa, Editorial Estampa.

SHAW, Ian. (2000), *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford University Press.

SHORTER, M.A. Alan. (s/d), *Os Deuses Egípcios*. São Paulo, Editora Cultrix.

SILVERMAN, David P., WEGNER, Josef W e WEGNER, Jennifer Houser. (2006), *Akhenaten and Tutankhamun*. Philadelphia, University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology.

### Prancha 1: a Estela da Restauração de Tutankhamon



SILVERMAN, WEGNER, WEGNER, 2006: 162.